



VIAGEM AO SUDESTE ASIÁTICO 5 A REGIÃO CENTRAL DO VIETNÃ – HOI AN

Conheci a região central do Vietnã, a partir de duas cidades e do percurso entre elas, Hoi An e Hue. São diferentes entre si, o que possibilita uma relação de complementaridade entre elas e não anula suas peculiaridades e identidades, uma vez que ambas tiveram maior importância até meados do século XIX, o que as faz serem testemunhos importantes do último período imperial vietnamita.

Nesta seção 5 do diário de viagem ao Sudeste Asiático, vou registrar minhas impressões sobre Hoi An, tentando, sem grandes precisões, registrar algo sobre a região central do Vietnã.

Não daria para registrar neste blog alguma coisinha interessante sobre esta área, sem fazer referência a Minh, o competente e simpático guia que nos acompanhou durante os quatro dias em que estivemos neste território tão pleno de história, em que a arquitetura conta tanto sobre as culturas que ali se entrecruzaram.

Acho que dizer que ele foi o melhor guia entre os seis com quem estivemos no Vietnã, Camboja e Tailândia é muito pouco, afinal, uma boa parte dentre estes profissionais deixou a desejar, pelo pouco domínio da língua castelhana, a proposta pela agência que organizou a nossa viagem – a Terra Mundi (parece que é muito difícil encontrar os que dominem o português neste outro lado do

mundo). Acho que não foi apenas isso que distinguiu Minh – falar bem o castelhano – mas a sua postura: ele é, ao mesmo tempo, competente (no que se refere ao conhecimento sobre os temas em torno dos quais dava suas explicações) e atencioso (no que concerne às pequenas providências como checar voos, facilitar o *check-in* nos hotéis, informar nos restaurantes as restrições alimentares de alguns do grupo etc.).

Quando viajei para a Rússia resolvi escrever os capítulos de meu Diário de Viagem, por meio das três figuras que foram as guias turísticas em Moscou, Suzdal e São Petersburgo (elas eram muito diferentes e muito especiais – as cidades e as guias). Isto comprova minha hipótese, já enunciada em seção anterior deste mesmo diário, de que, de algum modo, o turista está sempre vendo o país visitado por meio de seus guias e valeu a pena acompanhar e ouvir Minh que, ao contrário dos demais, não é guia turístico ao acaso. Quando perguntei a Minh aprendeu castelhano, ele contou que sempre quis ser guia turístico, como seu tio e outros membros da família que trabalharam no ramo, mas seu percurso não foi fácil. Como Luna, nossa guia em Hanói, ele recebeu uma bolsa para estudar em Cuba, mas sem direito a escolher o curso a ser feito e lá chegando a opção que lhe coube foi o curso de informática e o sonho de fazer turismo foi postergado. Concluída a primeira formação, solicitou licença ao governo vietnamita para permanecer mais em Cuba e tentar, finalmente, fazer sua formação em Turismo. A autorização foi concedida, mas novamente ele não foi contemplado com esta opção e acabou estudando Sociologia. Ficou dez anos naquele país e, quando voltou ao Vietnã, buscou aproveitar suas duas formações e, pouco a pouco, introduziu-se na profissão que sempre desejou. Foi assim que começou a fazer trabalhos para agências e hoje é este o seu ofício, que ele exerce com prazer e grande capacidade.

Após a viagem aérea vindo de Hanói, Minh recebeu-nos no Aeroporto de Da Nang (encontra-se também a escrita já ocidentalizada Danang), cidade balneária de mais de um milhão de habitantes, que é uma das que mais cresce no país e que foi, em parte da segunda metade do século XX, uma das bases estadunidenses, como porta de entrada das forças militares deste país, enquanto guerreou com o Vietnã.

Mal tomamos a rodovia para Hoi An, nossa primeira parada na região central, ele foi desfiando seus conhecimentos sobre o Vietnã, sua história, sua cultura, influenciada, sobretudo, pela chinesa, mas também com elementos da francesa, da japonesa e um pouquinho da indiana. Confesso que, em função do meu cansaço, dormi durante este percurso, após horas de estrada desde a Baía de Halong, passando pela travessia do pesado trânsito de Hanói, pela chegada ao aeroporto, atraso da saída do avião e o tempo do próprio voo. Resultado: perdi boa parte da preleção dele, o que procurei, depois, compensar sempre que possível explorando-o nos intervalos das explicações gerais que ele dava ao grupo.

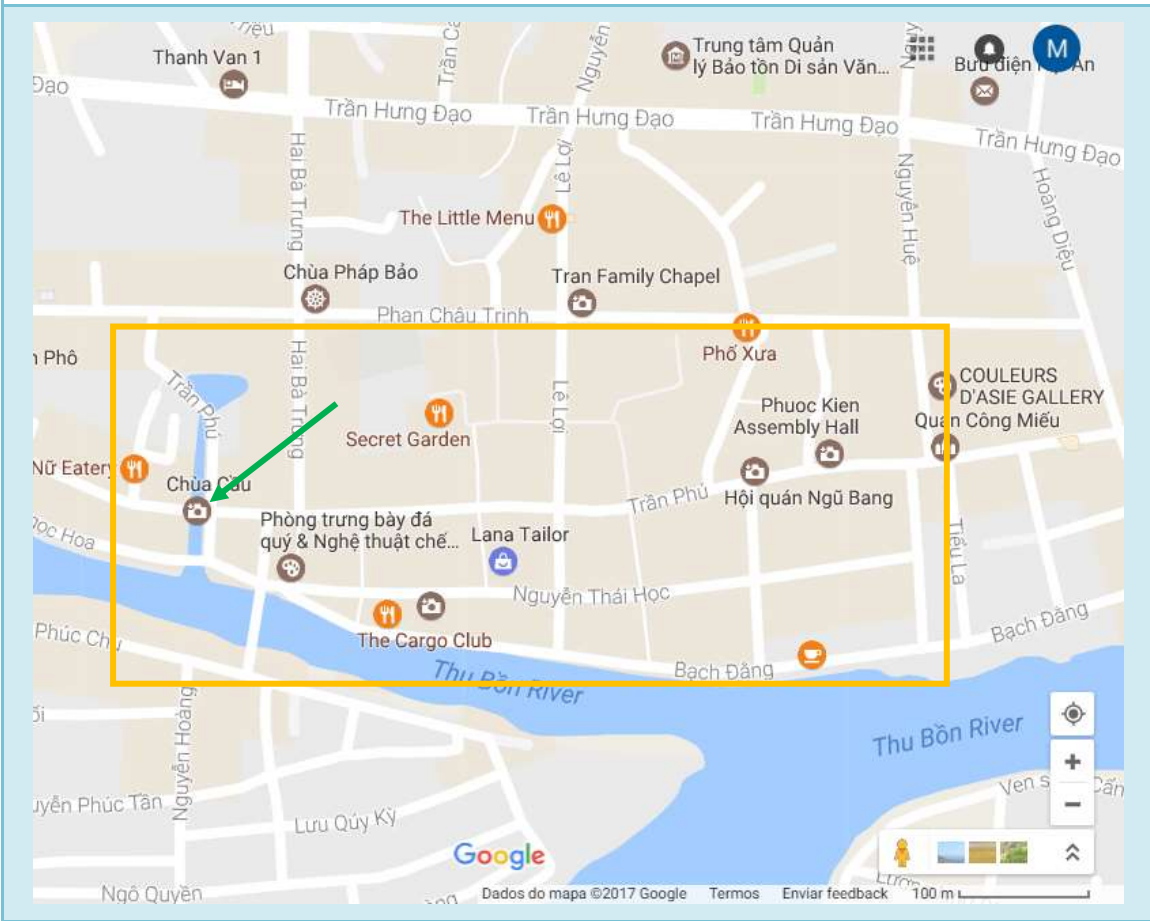
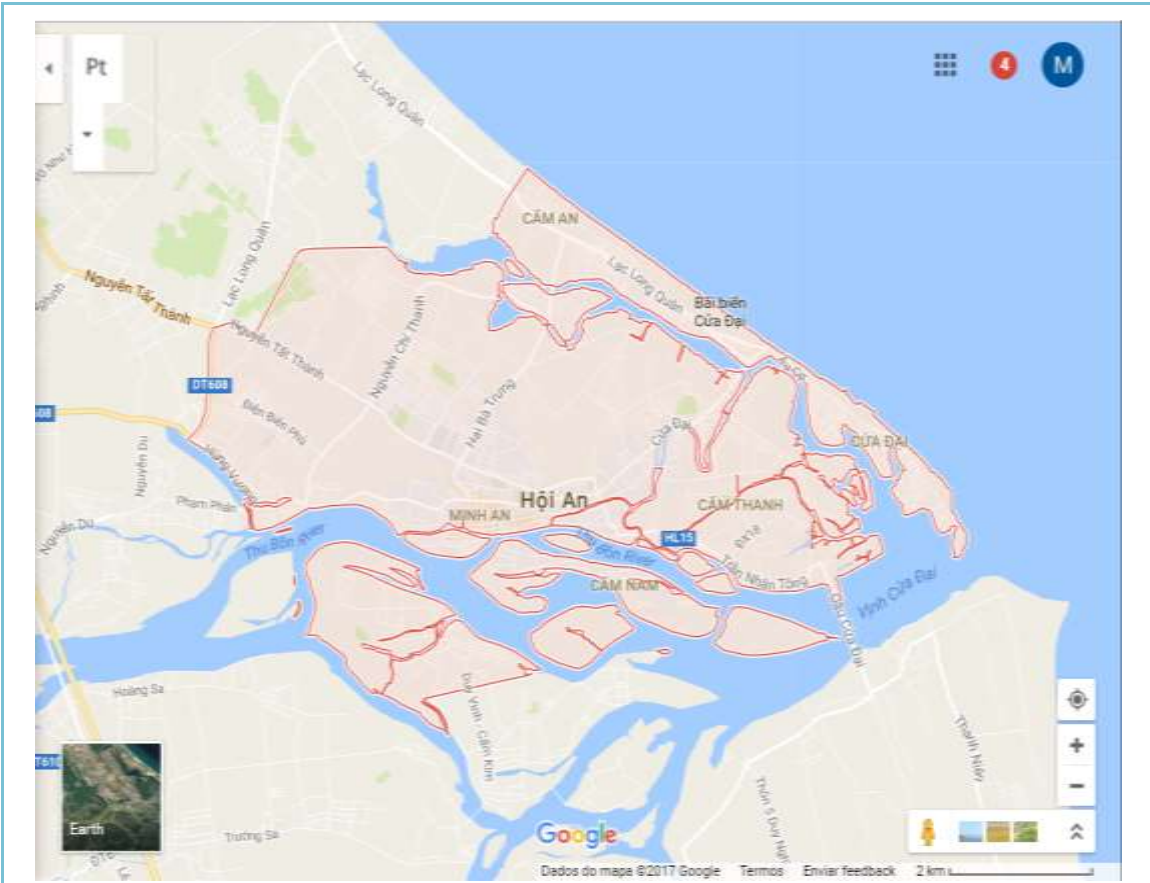


O dia seguinte foi dedicado a Hoi An (vejam como se acentua no alfabeto vietnamita – Hội An – isso mesmo um acento acima da letra e um sinal diferente abaixo dela). Esta cidade foi um importante porto entre o século XVI e o XVIII, onde atracavam grandes embarcações chinesas, japonesas e europeias, o que estimulou sobremaneira seus papéis comerciais e a absorção de uma rica herança cultural, que justifica ela ter sido reconhecida, nos anos de 1990, como patrimônio da humanidade pela UNESCO.

A vida da cidade está, desde então, diretamente ligada ao Rio Thu Bon que a corta e às margens do qual está seu centro histórico, principal área visitada pelos turistas, que não coincide mais com o atual centro da cidade, o que é usado por seus moradores para o acesso a bens e serviços de que necessitam, o qual está mais disposto ao longo da Tran Hung Dao.

Trata-se de um sítio urbano muito associado à situação portuária da cidade, uma vez que a agricultura praticada nas várzeas de inundação e o comércio são, desde há muito tempo, as bases da economia e da organização da vida social e política do país. O impressionante é observar que este tipo de situação geográfica e este gênero de funções urbanas repetiram-se, na origem de muitas cidades no mundo, em territórios diferentes, sem que a urbanização que já havia na Ásia fosse conhecida das civilizações que estavam se conformando na América, por exemplo.

É no centro histórico da cidade de Hoi An, que encontramos as maravilhas da graciosa arquitetura desta cidade. A via principal é a Tran Phu, mas são igualmente importantes a Bach Dang (à margem do rio), a Nguyen Thai Hoc e a Le Loi. Vejam, no primeiro mapa que se segue, como o sítio urbano se acomoda em torno do delta do rio. O sentido longitudinal deste centro histórico na sua área mais densa, em termos de construções antigas (vejam a área aproximada pelo que eu delimitei com o retângulo no segundo mapa), tem relação direta com o rio já citado. Além disso, esta configuração se deve, também, eu suponho, à posição da Ponte Japonesa (Chua Cầu, marcada com uma flecha verde), que se sobrepõe a um pequeno afluente do rio e que acaba orientando todo o fluxo para a Tran Phu.



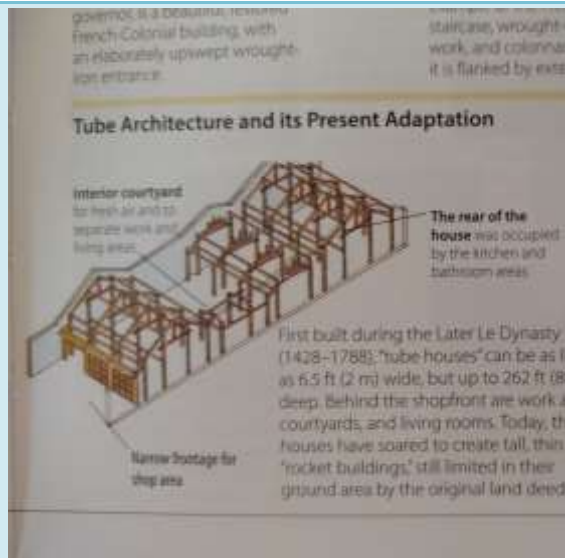
Trata-se de uma ponte coberta, erguida no século XVII pelos japoneses, que desejavam ligar seu bairro ao habitado pelos chineses, que estava na porção leste da cidade, do outro lado do pequeno curso d'água. Ainda hoje é cobrado para atravessar a ponte, como o era no passado, em função de sua importância ligando duas comunidades ativas no comércio da cidade. A diferença é que a razão do intenso tráfego de pessoas, hoje, é o turismo. Bem no meio dela, há um pequeno altar, com uma estátua de Bac De, uma divindade taoísta. Vejam no fundo da foto ao lado, a entrada da ponte, e abaixo a vista lateral dela. Reparem no trabalho sofisticado do telhado.



Gostei de conhecer Hoi An, por meio das casas de seus principais comerciantes do passado, pois elas contam muito sobre o modo de vida deles, denotando a intrínseca relação entre a vida residencial e a comercial destas famílias, bem como a boa simbiose entre elementos de culturas arquitetônicas diferentes.

Antes mesmo de aceder à ponte para chegar à área mais densa deste centro histórico, visitamos a Casa de Phun Hung, construída em 1780. Nela, já viveram oito gerações da mesma família. No passado, dedicavam-se ao comércio de perfumes e especiarias, hoje recebem dos turistas pela visita e vendem souvenirs de todo

tipo. Como as demais casas que representam este fausto período, ela tem dois pavimentos. Está edificada sobre 80 colunas de madeira, que sendo de teca, uma madeira abundante no Laos, na Tailândia e no Camboja que, pela densidade mais alta, suporta o período em que as águas do rio sobem. Seu estilo mistura elementos da cultura chinesa, nas galerias superiores e nas janelas tipo venezianas; tem influência japonesa nos tipos de vidros, ainda que, no conjunto, seja efetivamente uma casa com arquitetura vietnamita, cuja estrutura se parece com a que se encontra abaixo à esquerda. Elas são chamadas casas tubo.



Fonte: Guia Visual Folha Vietnã, p. 31

São construções que eram ventiladas e iluminadas por meio de seus pátios centrais, pois para aproveitar ao máximo a frente voltada ao comércio, uma edificação está justaposta à outra, como a foto das fachadas, acima à direita, mostra, daí da ideia de tubo – pois é longa, justaposta e sem saídas nas laterais. No seu interior, a Casa de Phun Hung mantém o mobiliário original. No *caput* deste texto está ampliado um detalhe do entalhe em madrepérola que adorna os móveis e as colunas principais da casa. Numa das fotos da casa, vocês podem ver Minh.



Depois de atravessar a ponte, conhecemos outra casa, a de Tan Ky, também do século XVIII, em que elementos sino-vietnamitas se mesclam com outros da cultura japonesa.

Além destas duas casas, que permanecem bem preservadas e abertas à visita como espécies de museus que nos possibilitam compreender a vida cotidiana do passado, há outras edificações semelhantes que foram sendo adaptadas para o comércio, hoje totalmente voltado ao turismo. Duas delas chamaram atenção porque foram recuperadas, do ponto de vista arquitetônico, mas modificadas internamente com uma decoração contemporânea, que valoriza elementos da cultura vietnamita. Nela, estão instaladas lojas que vendem roupas e acessórios de *design*, produzidos em seda, linho e fibras naturais, buscando atender um gosto mais cosmopolita e, ao mesmo tempo, incorporando elementos importantes da cultura local.

Nestes casos, pelos preços elevados das mercadorias, o consumidor alvo é o da Europa e América Anglo-Saxônica, com poder aquisitivo alto e moeda forte para o câmbio. Para nós, brasileiros de classe média, são produtos um pouco caros, mas entrar em duas destas lojas e apreciar os detalhes da arquitetura dava gosto. Vejam as fotos de uma delas.



Visitamos também Quang Dong que foi a sede da administração cantonesa na cidade, com seus adornos rebuscados, altares coloridos cheios de simbolismos e lendas. Em frente a ele, Renato e Eliseu posaram para a foto. Paramos para um agradável almoço de frente para o rio, num restaurante na rua Bach Dang, em que as mesas dispostas no pátio frontal permitiam uma vista muito agradável.



No restante do dia 23 de janeiro de 2016, curtimos o passeio a esmo por este centro histórico, fotografando, visitando seu movimentado mercado, entrando e saindo de lojinhas de todo tipo, verificando quais poderiam ter bolsas efetivamente da Kipling (Importante marca internacional cuja produção industrial é deste país) e quais seriam as “legítimas cópias do original”, para adotar a expressão ouvida por meu irmão no Paraguai, ao perguntar a um dado comerciante se os produtos que ele estava comprando eram originais. Compramos, é claro, legítimas cópias do original, descartando as cópias mal feitas, cujos fabricantes não prezam pelo esmero de buscar uma imitação bem feita.



O ponto alto do passeio foi o mercado municipal, onde havia frutas, legumes, arroz, flores, de novo arroz, cestas, louças, panelas, roupas, mais uma vez arroz, camarão, carne de pato e até cabeça de porco para vender (dá uma olhada no pig posando para a foto).



O ambiente de festa próprio de pequenos lugares que se dedicam integralmente

ao turismo era o que predominava, mas penso que algumas características tornaram ainda mais agradável a permanência em Hoi An.

O primeiro deles decorre de haver uma mescla bem dosada entre comércio e serviços formais (bons hotéis e bons restaurantes, por exemplo) e uma vida informal baseada fortemente no trabalho familiar (vejam a foto da comerciante que ainda carrega suas mercadorias nos ombros e que, ao aquiescer ao meu pedido de um registro fotográfico, foi além e me sugeriu experimentar o peso que ela carrega... foi duro e, apesar do sorriso, quase que não aguentei).



Acho que Milton Santos gostaria de ver nesta cidade e neste país (vai ver que até conheceu) uma boa evidência de sua Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana, cujo elemento central está na articulação entre estas duas esferas de organização da economia, pois mesmo estes vendedores, super tradicionais, sabem falar os preços em dong, a moeda vietnamita, e em dólares, para ajudar os turistas não apenas a pagar na moeda internacional, como também a raciocinar porque avaliar o custo das coisas não é fácil, visto que um dólar podia comprar 22.400 dongs. Imagine quando alguém lhe dizia que dois quilos de uvas no mercado custavam 90.000 dongs! É bem mais fácil aceitar que custavam quatro dólares não?

Outro fator que tornou especialmente agradável a experiência em Hoi An foi estarmos na véspera da chegada do Ano Novo Chinês, pois o clima se parecia com os dias que antecedem o Natal para nós: todos estavam nas ruas, fazendo compras de presentes, preparando-se para as viagens às suas terras natais e aproveitando o período para fazer fotos especiais com as roupas tradicionais da cultura deles, ou seja, com suas túnicas *Ao Dais*, o que se via em todo canto. Eles posavam com o traje completo e, depois, vestiam seus tênis e capacetes do dia a dia.



Terminamos o dia, agradavelmente, no Restaurante Cargo situado na Rua Nguyem Thai Hoc, em frente ao famoso Café Tam Tam desta cidade. Fizemos o pedido: para cada um de nós uma entrada e um prato principal, mas supondo que fossem pequenas porções como é comum aqui no Vietnã. O garçom sorriu um pouco surpreso e depois fomos entender a razão – os pratos eram enormes e lá ficamos nós enfrentando (com prazer, é claro) a árdua tarefa de dar conta de tudo aquilo. A comida vietnamita é muito gostosa – mais leve que a chinesa e mais temperada que a japonesa – deu para entender? Procure imaginar ou visite o Vietnã.

Foi tanta experiência legal, tanta coisa para ver e viver, que, ao final do dia, estávamos todos exaustos. Olha eu aí descansando no *lobby* do Hotel Mercure, onde nos hospedamos. Ele tinha o seu charme vietnamita, na decoração, mas tinha vários problemas de manutenção.

Passados já alguns dias em que estivemos em Hoi An, agora revisando este texto, antes de publicá-lo no blog, sinto saudades desta cidade, vontade de voltar algum dia, mesmo sabendo que pode ser que esta ‘magia’ não se repita e a frustração ocorra, mas não faz mal, vale a pena acalantar esta possibilidade.



Carminha Beltrão

Janeiro de 2017